

Um pouco de história

No ano de 1972, o piauiense Antônio Augusto dos Reis Veloso, então conceituado técnico do Ministério do Planejamento, cujo titular era seu irmão, o também piauiense João Paulo, telefonou ao autor do presente texto - na época, secretário do Planejamento do estado do Piauí - e comunicou que estivera com o gerente da agência do Banco do Brasil (BB), em Londres, o piauiense Castro Neiva, o qual lhe dissera da disponibilidade de US\$ 10 milhões para o Piauí fazer estrada. Essa disponibilidade de recursos, acrescentando-se aqui, coincidia com a meta do governador Alberto Silva de puxar (construir) a perna vertical do que ele e seu competente secretário de Obras, engenheiro Murilo Rezende, denominavam "Grande Y": a perna superior direita era representada pela rodovia preexistente Fortaleza/Teresina; a perna superior esquerda, pela rodovia também preexistente Teresina/São Luís; e a perna inferior vertical, a rodovia a ser construída até Cristalândia com esses dólares. A rodovia avançou até Corrente (cerca de 600 km), mas os recursos vieram de banco estrangeiro particular. É que o ministro Delfim Netto, da Fazenda,

a quem o BB era vinculado, não permitiu que o empréstimo fosse feito por aquela instituição financeira oficial, sob a alegação, que ninguém nunca entendeu, de que se trataria de estatização do crédito. Na época, dentro do espaço de liberdade restrito de um estado unitário, na prática, *versus* um estado federativo, na teoria, o Piauí pôde implantar esses 600 km na direção do sul, como esforço válido de vertebração da continentalidade piauiense.

*** Advogado e administrador de empresas; fez carreira profissional como técnico de desenvolvimento econômico do Banco do Nordeste do Brasil (BNB); foi secretário de Planejamento nos estados do Ceará e do Piauí, onde também exerceu a função de presidente dos respectivos bancos estaduais; superintendente adjunto de operações da SUDENE, na área de incentivos fiscais, e superintendente geral do sistema da Federação das Indústrias do Ceará (FIEC); professor do Depto. de Administração e pró-reitor de Planejamento da Universidade Estadual do Ceará (UECE); atualmente é consultor e preside o Instituto Pádua Ramos. (e-mail instituto.padua@uol.com.br).**

IDEIAS E INTELECTUAIS NA VIDA PÚBLICA: Raimundo Nonato Monteiro de Santana*

Por Washington Luis de Sousa Bonfim**

Num mundo totalmente desequilibrado, injusto, frenético, louco e cruel para tantos, as celebrações inventam pausas, desvendam olhares, promovem comentários, anedotas e risos que são o nosso trunfo (senão o triunfo) contra a finitude: essas causas perdidas. Mas, como dizia Frank Capra, são essas causas perdidas - igualdade, liberdade, justiça, amor, altruísmo e, sobretudo neste Brasil onde somos assaltados por altos funcionários federais em rede com justificativa ideológica, honestidade! - as únicas que valem o bom combate. Capra falou das causas perdidas num revolucionário filme de 1939! (Roberto da Matta).

Uma das questões mais intrigantes da vida de um piauiense é, certamente, o que é o Piauí? Na verdade, a terra natal é sempre algo que se transforma em uma marca de nossas identidades; pensemos, por exemplo, em franceses, ingleses, norte-americanos, russos, paulistas, gaúchos, mineiros e tantos outros exemplos. De certa maneira, esta é a minha leitura: sempre vivemos acabrunhados por sermos piauienses. Não que não tenhamos "orgulho de ser", muito ao contrário, talvez até exageremos neste orgulho, mas - tem sempre um "mas" - há tantos problemas, maus exemplos e últimos lugares em muitas e diversas coisas, que a "piauiensidade" muitas vezes nos parece um fardo.

Quando me convidaram para falar sobre o professor Santana no Salão do Livro do Piauí (Salipi), fiquei feliz e, confesso, amedrontado. Não queria, em nenhuma hipótese, fazer algo menor do que imagino ser a contribuição e estatura de Santana em nossa vida cultural. Por outro lado, tenho convicção, não sou a pessoa mais adequada para falar de sua obra, há tantos outros, como Francisco Veloso e Teresinha Queiroz, que o fariam melhor e com muito mais propriedade.

Creio ter argumentado com Wellington Soares sobre isto; não lembro a resposta, mas, como estou aqui, foi negativa. Assim, ao invés de melhorar, o medo aumentou. Dizer o quê? Homenageá-lo, discuti-lo, debater a obra ou buscar

o editor e sua incansável sede de ver a vida piauiense estudada, lida e debatida nos diversos fóruns de nossa vida cultural e acadêmica? Enfim, que aspecto abordar para podermos fazer jus à homenagem feita pelo maior evento de literatura e cultura do nosso estado? Decidi-me por ressaltar três coisas básicas. Em primeiro lugar, as ideias, a partir do contato mais próximo que tive com Santana, quando ainda de minha formação acadêmica, na Universidade Federal do Piauí (UFPI) e num grupo de estudos e pesquisas que criamos, focado na análise da literatura de filosofia da ciência e, já no seu final, algo de planejamento e desenvolvimento econômico. Em segundo lugar, como escrevi dois anos atrás, importa ver no intelectual Raimundo Santana o homem que esteve sempre à frente de seu tempo: na administração pública, na economia, na filosofia e na teoria social - para não falar, de modo mais específico, no editor que fez vir à luz quase uma centena de títulos, mas este é um aspecto que deixarei um pouco de lado, mencionando-o apenas agora à guisa de introdução. O terceiro aspecto, que mais me fascina, remete às ideias sobre as transformações do mundo contemporâneo, como as via ainda no final da década de 1990, portanto, ainda no século XX. Em “A nova realidade-mundo: as transmutações em curso”, o exercício de análise social parece-me, mais do que em qualquer outro lugar, um exemplo da mente e do alcance do pensamento de Santana (2009).

Antes de iniciar pelo conjunto de ideias que penso terem influenciado a sua obra, gostaria de resgatar uma cronologia que foi elaborada por Teresinha Queiroz (2009). Queiroz organiza em quatro momentos a produção de Santana. O primeiro, em torno do período de 1956 a 1965, baseado em estudos econômicos que são citados pela autora como “a invenção da história econômica do Piauí” (QUEIROZ, 2009, p. 9). O segundo momento focalizaria “as espacialidades [...] com ênfase no planejamento urbano, na regionalização, na organização espacial em correlação com as potencialidades econômicas” (QUEIROZ, 2009, p. 11). O terceiro conjunto de textos “retoma a discussão de natureza teórica, só que essa discussão agora se volta para uma reflexão universal que tenta recuperar, de forma ampla, a evolução da ciência econômica” (QUEIROZ, 2009, p. 13). Em síntese, diz Queiroz (2009, p. 17):

[...] no primeiro conjunto (de suas obras) o autor trabalha preferencialmente o tempo; no segundo o espaço; no terceiro trata das explicações do mundo no marco da ciência econômica; no quarto, esses saberes já estão articulados visto que a maneira como as ciências sociais se construíram ao longo do século XX já entrara em crise.

Considerando esta cronologia, gostaria de fazer esta discussão a partir de três bases principais da obra e pensamento de Santana. Em primeiro lugar, o papel da história; depois, o sentido filosófico do liberalismo político e do individualismo como norteadores de sua visão de mundo; finalmente, mas não menos importante, a urgência de compreender como as vicissitudes da teoria social do século XX se exauriram como capacidade de explicação do mundo social e sua aposta em um programa de pesquisa tão inovador que, em outros lugares (como em CASTELLS, 2010), muitos dos elementos aparecem em maior ou menor grau.

Esta compreensão da história, em especial da história econômica é um traço singular. Está presente desde o seu “Evolução histórica da economia piauiense e outros estudos”, de 1964, uma de suas primeiras e mais importantes publicações, republicada em 2008, pela Fundação de Apoio Cultural do Piauí (Fundapi). De certa maneira, meu encontro com o Prof. Santana aconteceu por esta via, no final da década de 1980, quando realizava seminários sobre história econômica no Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB), movimentando intelectuais de todo o País em torno do tema.

Interessante é notar que, na obra de Santana, a noção de história é pontuada por uma crença muito firme nos valores liberais. Cabe rememorar, então, uma influência muito importante no seu pensamento, Karl Popper; o filósofo austríaco, que se naturalizou britânico em 1945, e que tem enorme peso na obra de Santana. De um lado, estão as ideias ligadas à filosofia da ciência, à leitura de que a ciência avança por meio de conjecturas e refutações e que, em certo sentido, “a sociedade aberta” convive com uma ciência em que a busca da verdade é feita a partir do questionamento insistente dos pressupostos do conhecimento.

Em Popper (1982), o erro, como atitude científica, é essencial para a mentalidade do pesquisador, que está sempre buscando alcançar os limites de suas teorias, levantando hipóteses capazes de derrubar aquela arquitetura teórica já consolidada em prol do nascimento de algo novo: de uma teoria científica pode ser falsificada por uma única observação negativa, mas nenhuma

quantidade de observações positivas poderá garantir que a veracidade de uma teoria científica seja eterna e imutável.”

Ainda em Popper, vamos encontrar outro compromisso intelectual importante de Santana. De um ponto de vista filosófico, seu pensamento se guia pelo conceito de “sociedade aberta”, ou seja, pela ideia de que a vida humana se orienta a partir de nossas escolhas individuais e que as sociedades mais justas serão sempre aquelas capazes de prover liberdade individual, no seu sentido liberal mais completo, como direito inalienável do cidadão, algo que no Brasil ainda soa conservador, mas que, em realidade, constitui a base das nossas sociedades ocidentais.

Neste ponto, tenho de mencionar que a obra de Santana, tanto do ponto de vista histórico como da teoria social que procura formular, tem como pressuposto a recusa ao historicismo, algo que empresta da atitude intelectual de Karl Popper (1978). Neste autor, a crítica ao que denomina “the historicist doctrine of the social sciences” tem duas bases principais. Em primeiro lugar, a recusa da ideia de que a principal tarefa das ciências sociais seria fazer previsões sobre o desenvolvimento político e social do homem. Depois, que a tarefa da política fosse a diminuição das dores do parto do desenvolvimento político e social futuros. Ou seja, recusa-se à visão da política como algo demiúrgico, como tarefa destinada a cumprir profecias criadas a partir de um ponto de vista historicista.

Desta maneira, Santana, como Popper, compreende que a sociedade é uma espécie de agrupamento, que pode ser entendido como não mais (ou menos) que a soma de seus membros individuais. Assim, o que acontece na história é, em larga medida, não planejado e não previsto, resultado das ações individuais. Além disso, o planejamento social em larga escala seria inerentemente equivocado e desastroso, precisamente porque as atitudes humanas não podem ser antecipadas ou previstas.¹

Desnecessário dizer que um pensamento como este possuía consequências políticas fortes para quem levantava na segunda metade do século XX, quando a força do marxismo na academia brasileira era enorme e o pensamento liberal muito pouco desenvolvido e, de certa maneira, proscrito dos ambientes intelectuais mais prestigiosos do País. Neste sentido, a UnB e a Escola Superior de Guerra foram ambientes propícios ao desenvolvimento intelectual de Santana, que pôde

se dedicar a estas ideias um tanto distanciado da patrulha ideológica de esquerda que, até hoje, permanece viva em muitos lugares.

Se estou correto até aqui, gostaria de avançar um pouco mais e falar, como já mencionei, do aspecto de sua obra que mais me impressiona, as discussões sobre o papel das novas tecnologias de informação e comunicação na reconfiguração da vida social e política contemporânea. Creio ser correto dizer que esta reflexão marcou seu retorno ao Piauí, quando o reencontrei no final da década de 1990, início dos anos 2000.

Antes de iniciar, queria assentar um parâmetro na discussão, com o objetivo de pontuar algumas questões que podem ser objeto de análise futura, por parte daqueles que resolvam se dedicar à obra de Santana como uma perspectiva de leitura de nossa sociedade atual, notadamente com foco no Piauí. Castells, no prefácio de 2010, à sua obra “A sociedade em rede” (editada inicialmente no Brasil em 1996), refere-se à teoria social da seguinte maneira:

A relevância de uma teoria social, além do conjunto de provas reunidas para respaldar assuntos específicos, deriva, em última instância, da sua capacidade de explicar a evolução social, tanto na sociedade em geral como em algumas de suas dimensões, ou de, pelo menos, gerar uma interpretação mais fértil do que os arcabouços analíticos alternativos usados para estudar os determinantes e as conseqüências da ação humana no tempo e no espaço da análise (CASTELLS, 2010, p. III).

Na realidade, Castells está mencionando que, uma década depois do lançamento de seu livro, já seria possível avaliar algumas das ocorrências e, sob esta luz, avaliar os pressupostos da teoria social a que se propôs, ao escrever os três volumes de “A sociedade em rede”. O mais importante e na realidade o ponto que realmente gostaria de fazer, é que Santana, contemporaneamente aos grandes autores europeus, estava teorizando sobre os mesmos objetos, especialmente, como já mencionei, sobre as transformações da vida a partir das novas tecnologias.

Terezinha Queiroz, no prefácio à republicação de 2009, de “A nova realidade-mundo: as transmutações em curso”, resume com habitual clareza: “[...] Monteiro de Santana já abandonou as explicações estruturalistas, colocou sob suspeição as diferentes concepções de sociedade e inaugura seus estudos das redes móveis e pouco conhecidas na nova realidade-mundo.”

Na mesma edição, na introdução escrita pela coautora Rita de Cássia Santos, temos a dimensão da tarefa:

[...] a constituição da realidade-mundo é um processo apenas começado. Sua compreensão e, principalmente, a concepção de uma arquitetura desejada para sua evolução se coloca, hoje, como grandes desafios aos indivíduos e organizações. A questão de fundo mais fundamental é como as ações humanas interagem com a base material e o tecido de tradições e instituições disponíveis para formar uma realidade que se tece sob novos parâmetros espaço-temporais (SANTANA; SANTOS, 2009, p. 20).²

No contexto desta análise, não é o caso de amidar reflexões específicas sobre as ideias do autor, mas convém citar algumas passagens para mostrar a profundidade das questões suscitadas e das perspectivas ali envolvidas. Segue uma nova citação:

No início daquele ano de 1997, após alguns meses de pesquisa e de experiências desconcertantes com novos eventos políticos, econômicos e culturais, apercebemo-nos de que tentávamos desesperadamente ingressar em um mundo que não era aquele no qual havíamos nascido... Mas que mundo? Que eventos causavam-nos aquela sensação inquietante de ter definitivamente deixado para trás as velhas raízes, sem ter ainda conseguido sustentarmo-nos nas novas ou sequer localiza-las? (SANTANA ; SANTOS, 2009, p. 23).

Os autores então descrevem:

A realidade-mundo seria o ambiente humano integrado em escala mundial, em que os problemas e as tentativas de solução não se circunscreveriam a fronteiras políticas ou culturais, mas envolveriam e afetariam as ações, decisões, estilos e qualidade de vida de todos os indivíduos. A realidade-mundo, para usar uma expressão sintética, seria o espaço coletivo de vizinhança de todos os indivíduos com todos os indivíduos (SANTANA & SANTOS, 2009, p. 23).

Em outra passagem:

Parecia-nos que as explicações eram muito parciais, dado que não nos permitiam visualizar como as ações humanas interagiam com a base material e o tecido de tradições e instituições disponíveis para formar a nova realidade-mundo. Homens que habitavam televidades, com bairros interligados por redes comunicacionais, estruturas econômicas planetarizadas e unidades de sobrevivência política distintas do estado-nação que conhecemos hoje eram eventos anunciados... Ponderamos que a realidade se forma pela concorrência de elementos materiais, mentais e culturais em interação, afetando-se uns positivamente e reforçando suas opiniões, outros negativamente e esmaecendo seus efeitos. Os elementos em questão não são apenas os seres humanos, que têm opiniões no sentido literal da palavra. São também objetos físicos inanimados,

como computadores e aviões, e objetos culturais e intelectuais, como o consumismo e a linguagem numérica. Esses elementos físicos, culturais e intelectuais disponíveis ao interagirem com a mente humana, suas ideias, valores e sentimentos, viabilizam ou favorecem a ocorrência de certos eventos e, então, opinam por um determinado perfil da realidade futura (SANTANA; SANTOS, 2009, p. 31-32).

Duas observações merecem destaque neste ponto. Em primeiro lugar, esta compreensão da transição que vivemos é extremamente sofisticada, em tudo consonante com as principais visões da literatura internacional sobre o tema, o que destaca a obra e os pontos de vista de maneira muito interessante, no contexto de nossa produção acadêmica local: pensar o mundo a partir do Piauí, projetar esta nova realidade como elemento indissociável da perspectiva de uma nova teoria social. O segundo ponto tem estreita relação com o primeiro. Santana propôs uma agenda de pesquisa extremamente inovadora, porque fundamentada numa compreensão, vou arriscar, holística da sociedade e dos indivíduos em seu interior.

Qualquer um de nós sabe que a ciência no Brasil, nos últimos 10 ou 15 anos, vem ganhando enorme institucionalidade com a criação de novos cursos de pós-graduação *stricto sensu* e, também, com o aumento da produção científica que deles deriva. Contudo, as regras de produção e os parâmetros de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) hoje representam um entrave muito sério a projetos de longo prazo. Na realidade, vivemos uma cultura dos pequenos *papers*, fragmentos de pesquisas que se acumulam a partir de uma série de publicações pontuais, quase sempre no formato de coletâneas, que só a muito custo deixam transparecer os contornos teórico-metodológicos principais que vêm-se trabalhando nas diversas áreas, cada vez mais especializadas. Enfim, abandonamos as grandes compreensões e nos focamos na minudência dos vários aspectos da ciência.

Mais importante ainda, Santana e Santos descrevem uma transição importante que tem determinado uma nova compreensão do objeto das ciências sociais e, também, influenciado a pesquisa em novos campos, para não falar das várias crises que se superpõem na esteira das transformações que tematizam.

Gostaria de citar novamente Castells, no livro já mencionado, para dar relevo ao ponto que estou

tentando fazer, qual seja, de que Santana, como intelectual, sempre esteve à frente de todos nós na compreensão e abordagens. Cita Castells (2010, p. 1):

A urgência de uma nova abordagem para que compreendamos o tipo de economia, cultura e sociedade em que vivemos é intensificada pelas crises e conflitos que caracterizaram a primeira década do século XXI. A crise financeira global; as mudanças drásticas nos mercados de negócios e mão-de-obra; o crescimento irrefreável da economia criminosa global; a exclusão social e cultural de grandes segmentos da população do planeta das redes globais que acumulam conhecimento, riqueza e poder; a reação dos descontentes sob a forma do fundamentalismo religioso; o recrudescimento de divisões nacionais, étnicas e territoriais, renunciando a negação do outro e, portanto, o recurso à violência em ampla escala como forma de protesto e dominação; a crise ambiental simbolizada pela mudança climática; a crescente incapacidade das instituições políticas baseadas no Estado-nação em lidar com os problemas globais e as demandas locais: tudo isso são expressões diversas de um processo de mudança multidimensional e estrutural que se dá em meio a agonia e incerteza. Estes são, de fato, tempos conturbados.

Esta longa reflexão de Castells serve-me como mote para fazer uma aproximação do ponto derradeiro que gostaria de mencionar nesta palestra. Perdoem-me, mas preciso recorrer a uma nova citação, pois aprendi com Santana que as ideias devem ser vistas sobre os “ombros dos gigantes”:

O terrível é que, nesse mundo de hoje, aumenta o número de letrados e diminui o de intelectuais. Não é este um dos dramas atuais da sociedade brasileira? Tais letrados, equivocadamente assimilados aos intelectuais, ou não pensam para encontrar a verdade, ou, encontrando a verdade, não a dizem. Nesse caso, não se podem encontrar com o futuro, renegando a função principal da intelectualidade, isto é, o casamento permanente com o porvir, por meio da busca da verdade (SANTOS, 2010, p. 74).

Volto, então, ao meu ponto de partida. O Piauí talvez seja, entre os estados da nossa federação, o menos estudado de todos. Há inúmeras razões para isto: pequeno desenvolvimento do setor educacional na primeira metade do século XX; a pouca expressividade de sua economia, portanto, os meios escassos das famílias locais para proverem educação aos seus filhos; e, finalmente, inevitável dizer que, da parte do poder público, educação não foi uma prioridade clara. Sendo assim, contamos em poucas dezenas os estudos e os estudiosos que se dedicaram à tarefa de compreender o Piauí, oferecendo contribuições efetivas para nosso conhecimento sobre a história, economia e sociedade locais. Entre eles, R. N. Monteiro de Santana é um dos mais destacados, como

vimos, pela versatilidade dos temas, inovação nas abordagens e comprometimento sincero com ideias novas, capazes de mobilizar nossa compreensão sobre os grandes desafios estaduais.

Monteiro de Santana, natural de Campo Maior (PI), possui uma trajetória intelectual das mais interessantes. Não seria incorreto afirmar que ela se inicia pelo impacto que a vida pública exerceu sobre sua pessoa, quando do exercício do mandato de prefeito de Campo Maior, durante a década de 1950. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, o jovem Santana deparar-se-ia com os rigores de uma cultura política patrimonialista e clientelista que, se não impediram o êxito de sua administração, afastaram-no em definitivo da vida pública, ou pelo menos dos cargos eletivos.

A curiosidade e o espírito inquiridor o trouxeram a Teresina e, entre os anos 1960 e 1970, sob meu ponto de vista, Santana cravou na história estadual o seu maior feito, a “constituição” da ideia de planejamento governamental na administração pública piauiense, criando o que vem a ser hoje a Secretaria de Planejamento. Como influência definitiva - muito mais comentada do que estudada - o professor, intelectual e ex-prefeito deixava ali uma marca importante para a evolução dos destinos governamentais do Piauí.

Segue do Piauí para Brasília, para a Escola Superior de Guerra, para os Estados Unidos, e se fixa no Departamento de Economia da UnB, não sem antes dar sua definitiva contribuição para a formação da nossa Universidade Federal do Piauí, já no início dos anos 1970. Na UnB, durante duas décadas, formou gerações de economistas voltados ao pensamento livre e aberto, sob inspiração de Karl Popper, de quem passou a ser profundo conhecedor e disseminador de suas ideias.

A paixão pelas ideias liberais o levou a realizar seminários, orientar teses e construir relações importantes no meio acadêmico nacional, levando seus interesses intelectuais para além das suas origens, terminando por forjar um intelectual completo, de larga visão epistemológica, afeito às discussões mais fronteiriças das ciências sociais de uma maneira geral.

Foi no retorno ao Piauí, já durante os anos 1990, que Monteiro de Santana desenvolveu suas ideias mais ambiciosas, enfrentando, com ajuda de estudantes e outros intelectuais, os temas mais próximos àquilo que hoje conhecemos pelo termo “globalização”, reunindo em livros e seminários suas contribuições mais expressivas. Da globali-

zação, aos temas ligados à cultura e ao patrimônio imaterial de nossas sociedades; mas, ainda mais importante, à criação da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Piauí, coma edição de livros importantes para o resgate intelectual de autores e ideias que ajudam a tecer a teia social chamada Piauí. Monteiro de Santana, como diria Fonseca Neto, é incansável, “um jovem de oito décadas”.

A obra do intelectual Monteiro de Santana, como tal, é um tesouro a ser resgatado, com inúmeras pistas de pesquisa e reflexão sobre temas variados. Mais do que isto, em um lugar onde o livre pensar sempre esteve em segundo plano e em que não abundam as referências intelectuais genuinamente piauienses, mais do que a obra em si, o exemplo de Monteiro de Santana merece atenção e reflexão.

Sem nenhum favor, quis eu indicar para o público piauiense duas grandes lições. Em primeiro lugar, que a vivência intelectual em nosso estado teve a capacidade de produzir um intelectual insinuante, que flerta o tempo inteiro com temas de profunda inspiração humanista. Depois, que este ambiente, hoje renovado por uma capacidade de produção intelectual que se vem produzindo desde meados dos anos 1990, tem muito a aprender com Santana, pela coragem das ideias, pela busca da verdade, das proposições que são informadas pela melhor literatura disponível na cultura contemporânea, sem amarras, preconceitos ideológicos ou compromissos sub-reptícios de quaisquer natureza. Que o Salipi o tenha homenageado em vida, repito, é um feito de extrema grandeza, como grande é este evento.

Humildemente, peço desculpas pelas falhas e, principalmente, por não haver honrado na plenitude a missão que me foi dada, mas, tenham certeza, poucas pessoas me são mais importantes em minha trajetória como intelectual público ●

Notas:

¹ Nesta discussão me apoio firmemente no resumo de ideias sobre a obra de Popper contido na “Stanford Encyclopedia of Philosophy”. Em alguns trechos, procedi à tradução de algumas das principais ideias sobre Popper ali descritas. O texto completo pode ser lido através do seguinte sítio eletrônico: <http://plato.stanford.edu/entries/popper#SocPolThoCriHisHol>
² Os três textos que deram base às reflexões de Santana e Santos foram originalmente publicados nos anos de 1997, 1998 e 2001.

Referências

- CASTELLS, M. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. A Sociedade em Rede. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2010. v. 1.
- MATTA, R. da. A fonte da juventude. *Estadão*, 08 jun. 2011. [online]. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-fonte-da-juventude,729346,0.htm>>. Acesso em: 08 de junho de 2011.
- POPPER, K. R. *Lógica das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: UnB, 1978.
- POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações*. Brasília: UnB, 1982.
- QUEIROZ, T. Prefácio: As escritas de R. N. Monteiro de Santana. In: SANTANA, R. N. M.; SANTOS, R. de C. L. F. *A nova realidade mundo*. Teresina: Fundapi, 2009, p. 7-17.
- SANTANA, R. N. M. de. *Evolução histórica da economia piauiense*. Teresina: Cultura, 1964.
- SANTANA, R. N. M. de; SANTOS, R. de C. L. F. *A nova realidade mundo: as transformações em curso*. Teresina: Fundapi, 2009.
- SANTANA, R. N. M. de; SANTOS, R. de C. L. F. *Ciência econômica: uma abordagem evolucionária*. Teresina, EDUFPI, 2011.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2010.

***Palestra proferida no Salão do Livro do Piauí (Salipi), que ocorreu entre os dias 5 e 12 de junho de 2011, em Teresina. Nesta 9ª edição do evento, homenageou-se o professor e acadêmico da Academia Piauiense de Letras, Raimundo Nonato Monteiro de Santana.**

**** Professor do Departamento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociologia (UFPI).**